



**HEROÍNAS NEGRAS
BRASILEIRAS**
EM 15 CORDÕES

JARID ARRAES

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2020 by Jarid Arraes
Copyright das ilustrações © 2020 by Gabriela Pires

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

Gabriela Pires

Checagem

Poliana Martins

Preparação de texto

Nathália Dimambro

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arraes, Jarid

Heroínas negras brasileiras : em 15 cordéis / Jarid Arraes ;
[ilustrações Gabriela Pires]. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2020.

ISBN 978-85-5534-112-0

1. Literatura de cordel 2. Mulheres – Brasil 3. Mulheres
negras – Brasil 4. Poesia popular brasileira I. Pires, Gabriela.
II. Título.

20-41923

CDD-398.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia de cordel : Folclore 398.2

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2020]

Todos os direitos desta edição
reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

 /editoraseguinte

 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinteoficial

Às heroínas do presente,
por acreditarem num
futuro possível.

<i>Prefácio: Resgatar nossa memória,</i>	8
por Jaqueline Gomes de Jesus	
Antonieta de Barros	17
Aqualtune	27
Carolina Maria de Jesus	37
Dandara dos Palmares	47
Esperança Garcia	57
Eva Maria do Bonsucesso	67
Laudelina de Campos Melo	77
Luísa Mahin	87
Maria Felipa	97
Maria Firmina dos Reis	107
Mariana Crioula	117
Na Agontimé	127
Tereza de Benguela	137
Tia Ciata	147
Zacimba Gaba	157
<i>Leia também</i>	164
<i>Sua história</i>	167

PREFÁCIO

RESGATAR NOSSA MEMÓRIA

Jaqueline Gomes de Jesus

8 —

Para nós, seres humanos, as lembranças trazem reflexões. E, às vezes, estas alimentam aquelas. Inconscientemente, construímos nossas histórias de vida com os retalhos de quem fomos, ou de quem acreditamos ter sido. O que importa é o trabalho de costura. Existe muito de racional escondido sob o leito desse rio de afetos.

Não somos mais crianças, mas elas continuam em nós. O adulto vislumbra o jovem que foi, enquanto é observado pelo idoso. A partir disso tudo podemos nos parar, contar o que julgamos ser a versão mais fidedigna de quem somos: a história que, para além de apenas justificar ações, alimenta consciência, sonhos, temores, preconceitos, fronteiras e amplitude.

Entretanto, a memória de quem somos é mais complexa do que a mera soma dos seixos que catamos no leito daquele rio. Ela também é formada pelas lembranças dos acontecimentos que acompanharam nosso grupo social, o fundamento comum de nossa diversidade interna.

No Brasil, mulheres, principalmente as negras, nem sempre puderam falar, escrever e quanto mais publicar sobre si mesmas. Tampouco tiveram suas vozes plenamente respeitadas por aqueles que delas falaram, escreveram e publicaram; na maioria, homens brancos.

De forma geral, neste país estruturalmente racista e machista, o protagonismo negro para se expressar, sem intermediários, foi invisibilizado, senão questionado e punido. Até mesmo o nosso maior escritor, Machado de Assis, teve sua identidade como homem negro silenciada ou negada — censuras da máquina colonial que se alimentou da escravidão e ainda ruma nas mentes e corações deste povo.

Este não é um problema só dos negros, é de todos os brasileiros, que, ao menosprezarem a participação de uma parcela da população na construção desta sociedade, quem somos como brasileiros, também fraturam a sua própria tradição, preservam a própria alienação. Aos brancos que ignoram o racismo, resta gozar os privilégios decorrentes de sua cor de pele e traços anatômicos, em detrimento da vida, direitos e potencialidades das pessoas negras.

Destarte, como lembrar de quem somos, se a nossa memória coletiva foi distorcida, vilipendiada?... E dado que continua sendo? Ela é um elemento-chave para a nossa consciência negra, que por vezes se resume a um herói ou outro: senão Zumbi dos Palmares, João Cândido. Os heróis são a projeção do melhor de nós, como seres humanos, do que todos deveríamos buscar como gente. Mas os nossos heróis e heroínas, quando negros, têm sido odiosamente relegados ao esquecimento.

Daí chego a Jarid Arraes.

Eu me lembro da primeira vez em que visitei Juazeiro do Norte, a fim de palestrar e ministrar curso durante um congresso de Psicologia. Da janela do avião, vi a estátua do Padre Cícero. Algo extremamente significativo para aquela região, e relevante para a constituição multifacetada de nossa brasilidade.

Lá, folheando uma revista de cultura local, vejo a foto de Jarid, ladeada do pai e do avô. Todos cordelistas e xilogravadores. Sem olhar para a legenda, eu a reconheci. Era a mesma pessoa que eu conheci pela internet: feminista, articulista, jornalista, e cuja escrita a levou, em determinado momento, ao Sudeste (São Paulo), caminho seguido por tantos de seu Nordeste, como ela comentou à época.

O trabalho dessa mulher sempre me fascinou. Das postagens aos cordéis, nada que sai da mente e do coração de Jarid é raso, e sim profundo de razão e sentimento. Eis a marca de sua identidade própria, de sua originalidade, mas também de uma rica tradição, de uma memória coletiva da família, do Cariri, que se traduziu na escritura dessa mulher negra.

E essa mulher negra se engajou para ver-sejar outras, relegadas ao silêncio, à invisibilidade. Corajosamente, Jarid decidiu enfrentar o racismo e o machismo com prosa e verso. E é de sua poesia que ora falamos nesta publicação.

Dentre a multidão de heroínas negras que lutaram nestas terras tupiniquins, anônimas ou um pouco mais conhecidas, a autora aqui compilou quinze delas, cujos nomes faço questão de repetir, com destaque:

Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Esperança Garcia, Eva Maria do Bonsucesso, Laudelina de Campos, Luísa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Zacimba Gaba.

Quão fascinante. Quão belo. Quão empoderador é ler e ouvir os nomes dessas heroínas negras brasileiras! Com este belíssimo livro, Jarid Arraes contribui, de maneira extraordinária, para que resgatemos nossa memória: como mulheres negras, como pessoas negras, como brasileiras e brasileiros!

Mesmo que as lutas dessas guerreiras, em seus diferentes campos de atuação, tenham sido duramente reprimidas e derrotadas, inclusive ao custo de suas vidas, que tenham tido poucos resultados práticos imediatos, elas nos ofereceram um ganho absolutamente crucial, que Jarid permite que muitas pessoas alcancem, por meio de seus versos, uma consciência mínima da imensa força e vasta inteligência da mulher negra, na sua diversidade de ser mulher e negra.

Tal consciência poderia ser constatada meramente por meio de uma concepção ética, não racista, de nossa vida em sociedade; entretanto não temos verificado que essa flor brote, costumemente, do asfalto quente sobre o qual mulheres negras são arrastadas neste país.

Ante ao exposto, eu prezo e me comprazo com a obra de Jarid. Eu me torno uma mulher negra mais orgulhosa de minha herança cultural, e da história do meu povo, ao lê-la; e sei que, ao lerem estes poemas, outras pessoas negras, por vezes, mas também as brancas, encontrarão

uma deliciosa fonte, que as nutrirá de vida e esperança, e quiçá as mobilizará para que, seja lá o que nos define como brasileiros, não mais seja permeado de racismo e machismo. Temos uma longa caminhada pela frente.

Axé!

Jaqueline Gomes de Jesus é professora de psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Doutora em psicologia social e do trabalho pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora-líder do Odara — Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Identidade e Diversidade (IFRJ — Campus Belford Roxo). Foi assessora de diversidade e apoio aos cotistas e coordenadora do Centro de Convivência Negra da UnB. Pesquisa e publica sobre identidade e movimentos sociais, com foco em ações afirmativas para a população negra. Foi agraciada com a Medalha Chiquinha Gonzaga (2017), concedida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro a mulheres com reconhecidas contribuições à sociedade.







ANTONIETA *DE BARROS*

Conto aqui neste cordel
Uma história inspiradora
De uma preta muito forte
Que foi tão batalhadora
E com sua inteligência
Se mostrou norteadora.

Era uma catarinense
De Antonieta nomeada
Sendo de origem pobre
Teve a vida permeada
Por muita dificuldade
E por luta semeada.

Ela ainda era criança
Quando órfã se tornou
O seu pai que faleceu
E na vida lhe deixou
Com a mãe que a criava
E que muito lhe inspirou.